

PROCESSOS VERBAIS EM RESENHAS DAS ÁREAS DE LITERATURA E HISTÓRIA: O VERBO TRATAR

SILVA¹

BARBARA²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

alineflaviosilva@yahoo.com.br

lbarbara@uol.com.br

Resumo

O presente trabalho se desenvolveu no contexto de uma pesquisa maior que pretende contribuir para os estudos sobre o gênero resenha, tendo como corpus materiais das áreas de Literatura, História e Linguística. Objetiva analisar diferenças e semelhanças que permitam identificar um parâmetro mais consistente que possa ser seguido por estudiosos que desenvolvem suas pesquisas nessa área, bem como por aqueles que necessitam utilizá-lo, como é o caso de alunos em geral, por tratar-se de um importante instrumento de escolha para seleção de leitura, permitindo que os leitores possam inteirar-se das diversas publicações que circulam no meio acadêmico; assim, reconhece-se a grande relevância desse gênero no meio acadêmico. Como base teórica serão utilizados conceitos e categorias propostas pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994), mais especificamente a metafunção ideacional, adotando a concepção do gênero resenha proposta por (SWALES, 1990; MOTTA-ROTH, 1995). Com o apoio da Linguística de Corpus, através do programa *Wordsmith Tools.5* (SCOTT, 2008), foi realizado o tratamento do corpus, utilizando as ferramentas *wordlist* e *concordancer*.

Palavras-chave: resenhas, Literatura, História

1. Introdução

Este trabalho teve como objetivo descrever processos verbais que compõem parte do *corpus* da minha pesquisa de mestrado, que objetiva analisar a modalidade e o léxico avaliativo em resenhas acadêmicas das áreas de História, Literatura e Linguística, objetivando entender as preferências dos pesquisadores dessas áreas para, posteriormente, poder oferecer sugestões de ensino. Como recorte do projeto, o trabalho abordará somente resenhas das áreas de Literatura e História, comparando-as e avaliando semelhanças e diferenças entre elas no que se refere ao uso de tais processos.

Como base teórica, serão utilizados conceitos e categorias propostos pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994), mais especificamente a metafunção ideacional e o sistema de transitividade, adotando a concepção do gênero resenha proposta por (SWALES, 1991; MOTTA-ROTH, 1995). Com o apoio da Linguística de Corpus, foi realizado o mapeamento do *corpus* através do programa *Wordsmith Tools.5* (SCOTT, 2008), utilizando as ferramentas *wordlist* e *concordancer*.

Por tratar-se de um gênero (SWALES, 1990; MOTTA-ROTH, 1995) que dialoga, ou seja, envolve a relação entre um resenhista, o texto e um público leitor em um determinado contexto, deduziu-se que o processo verbal teria participação importante no *corpus*. Tendo

¹ Aline Cristina Flávio da Silva. Mestranda na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- Bolsista CAPES

² Leila Barbara. Professora doutora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Bolsista CNPQ

como ponto de partida o levantamento de frequências da *wordlist*, do programa *Wordsmith Tools.5* (SCOTT, 2008), verificou-se que o processo verbal mais frequente foi o: *tratar*. O uso desse verbo, analisado com o auxílio da ferramenta *concordance*, revelou alta complexidade e, diante disso, optou-se por descrevê-lo e analisá-lo em seus diferentes contextos de uso.

Desse modo, busca-se descrever as ocorrências do processo verbal ‘tratar’ nas áreas em apreço, sendo uma parte das resenhas retirada do *Scielo* e outras de outras fontes, porém classificadas como Qualis A1 ou A2.

Acredita-se que, trabalhando com resenhas publicadas em algumas das revistas mais bem conceituadas pela comunidade científica, será possível contribuir para um aperfeiçoamento da escrita acadêmica, principalmente nas duas áreas ora pesquisadas.

2. Fundamentação Teórica

2.1 A Resenha enquanto prática social

De acordo com Eggins e Martin (1997, p. 236), “diferentes gêneros são meios de usar a linguagem para alcançar diferenças culturalmente estabelecidas em tarefas e textos de diferentes gêneros, que estão alcançando diferentes propostas de acordo com a cultura”. Eles também pontuam que “a teoria do gênero sugere que os modos textuais que estão empregando diferentes funções desdobrarão diferentes modos, trabalhando com diferentes estágios e etapas” (p. 236). Fica claro que, para os autores, a resenha se destaca como um gênero que se realiza como um processo social, orientado para um propósito de divulgação de uma obra, seja ela livro ou artigo e é organizado em etapas.

Na mesma direção, segundo Motta-Roth (1995), o gênero resenha compreende um evento comunicativo, pois envolve a relação entre pessoas que estão agindo de acordo com um contexto social e estabelecendo certas regras para alcançarem seus objetivos; ou seja, o propósito comunicativo é reconhecido por membros de uma comunidade discursiva. Assim, o contexto social em que os resenhistas objetivam descrever e avaliar as novas publicações é a revista científica.

É importante destacar que, para Swales *apud* Araújo et al (2009), a noção de gênero e comunidade discursiva estão estreita ou intrinsecamente relacionadas, assim, Swales propõe a comunidade discursiva como o lugar em que um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas e têm uma noção estável de seus objetivos de grupo e ao mesmo tempo percebem a possibilidade de mudanças nesses objetivos. Diante disso, levamos em conta também que, de acordo com Araújo (2009), a construção das resenhas é tanto pessoal quanto institucionalizada, pois os resenhistas associam a obra resenhada a um sistema de valores estabelecidos socialmente por membros de uma comunidade discursiva.

De acordo com Motta-Roth (2002, p. 92), o gênero resenha pode ser considerado como envolvendo um contínuo entre descrição e avaliação, com diferentes exemplares tendendo para um ou outro extremo. Entendemos que algumas resenhas são mais descritivas que avaliativas ou vice-versa, mas não nos deteremos nessas questões para esse trabalho.

2.2 O delinear de escolhas linguísticas: uma abordagem vista sob o ponto de vista da LSF

A Linguística Sistêmico Funcional (doravante LSF) é uma teoria linguística de base social, que estuda a linguagem em seu contexto de uso que varia sua realização condicionada a fatores relacionados ao contexto da situação e da cultura. Como bem esclarece Halliday (1970, p. 141), a natureza da língua “está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir e que são específicas de uma cultura”. A aplicação dessa teoria tem apresentado resultados importantes no que se refere ao ensino,

sendo ferramenta importante como subsídio aos estudos de resenhas para descrever padrões desse gênero, no intuito de guiar quem virá a utilizá-lo.

Ao fazer diferentes escolhas para a escrita de um texto, os usuários da língua revelam os diferentes tipos de processos que se relacionam aos diferentes participantes de um diálogo, levando em conta o caráter interativo que compõe o texto, como bem esclarece Halliday:

O texto é a forma linguística de interação social. É uma progressão contínua de significados, em combinação tanto simultânea como em sucessão. Os significados são as seleções feitas pelo falante das opções que constituem o potencial de significado; o texto é a atualização desse potencial de significado, o processo de escolha semântica. (HALLIDAY, 1978, p. 122)

Fazendo essas escolhas, nos valem da léxico-gramática que traz todo o arsenal necessário através das metafunções, sendo elas, de acordo com Halliday (1985, 1994), a *Ideacional*, ligada ao universo de idéias e conceitos veiculados; *Interpessoal*, ligada ao aspecto interativo da linguagem e às relações sociais e de poder manifestas nos textos; e *Textual*, relacionada à organização do texto.

A LSF nos permite tanto descrever gramaticalmente um texto como criar modos de analisá-lo, pois podemos descrever a forma como os elementos estão organizados e o porquê dessa organização. Essa característica é bem descrita por Gouveia:

Em concreto, trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso. Mas, para além de ser uma teoria de descrição gramatical, razão pela qual adquire muitas vezes a designação mais restrita de Gramática Sistemico-Funcional (GSF), ela fornece também instrumentos de descrição, uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos, pelo que, adicionalmente, pode ser encarada como um modelo de análise textual. (GOUVEIA, 2009, p. 14).

Essa visão de gramática baseada no uso da língua como instrumento de comunicação que a LSF propõe é relevante para a análise desse gênero resenha, que é moldado pelo contexto de uso e dispõe de escolhas feitas pelo resenhista, sendo legitimadas pela área acadêmica e podendo ser descritas e utilizadas como parâmetros de escrita do gênero.

2.2 O sistema de transitividade: os processos decorrentes do verbo *tratar*

Para a LSF, as escolhas linguísticas feitas se realizam em termos de sistemas, que se conectam às metafunções e, ao mesmo tempo, às variáveis do registro correspondentes a elas e, segundo Eggins e Martin (1997), o conceito de registro descreve e explica a relação texto/contexto justificando as escolhas do falante em diferentes situações. Assim, o registro permite analisar a relação do texto com seu contexto, indicando quem falou, como e o quê; logo, podemos avaliar o sistema de transitividade e assim o componente ideacional.

De acordo com Gouveia (2009, p. 30), “em termos gerais, a transitividade constitui-se como o recurso linguístico que dá conta de quem fez o quê, a quem e em que circunstâncias”. Desta forma, o sistema de transitividade, elemento da metafunção ideacional, leva à avaliação dos processos que representam/modelam as experiências do falante/escritor. Nesse contexto, destacamos que o sistema de transitividade fundamenta nossa abordagem sobre o verbo *tratar* e os processos decorrentes de seu uso.

Os processos, de acordo com Halliday (1994), se constituem pelo próprio processo, os participantes envolvidos nesse processo e as circunstâncias que os circundam, e essa interpretação tripartida dos processos é o que está por trás da distinção gramatical das classes

de palavras. Representativo de nossas experiências, uma vez que dialogamos, expressamos nossos pensamentos, comportamo-nos de determinada forma, esses processos são divididos em material, mental, comportamental, verbal, relacional e existencial.

É importante assinalar que Halliday (1995, p. 138) esclarece que o processo verbal, bem como o existencial e comportamental, é um processo subsidiário, já os processos “material, mental e relacional” são os tipos 'principais', no sentido de serem o fundamento da gramática como uma teoria da experiência, pois apresentam três tipos diferentes de configuração estrutural e dão conta da maioria das orações de um texto, assim, o processo verbal partilha características do mental e do relacional.

Os processos relacionais demonstram que uma relação está sendo estabelecida entre duas entidades separadas e eles podem ser divididos em atributivos e identificativos. De acordo com Halliday (1994), o que define a diferença entre atribuição e identificação é a reversibilidade, já que é algo que ocorre na identificação e não se verifica na atribuição, e a atribuição indica o vínculo a uma classe.

Segundo Fuzer e Cabral (2010, p. 71), as orações relacionais atributivas “têm potencial para construir relações abstratas de membros de uma classe, ou seja, atribuem a uma entidade características comuns aos membros dessa classe”. Podemos exemplificar por um exemplo em que se atribui a alguém a característica de legal, como *Pedro é legal*, temos que dentre os participantes Pedro é *portador* e legal é um *atributo*.

Por outro lado, temos uma relação de identificação em que os participantes são chamados *identificado* e *identificador* e nesse caso não se trata de mostrar pertencimento a uma classe. De acordo com Halliday (1994, p. 122), “ser membro de uma classe não serve para identificar; em *Sarah is wise*, admite-se a existência de outras pessoas sábias, além de Sarah – o que não dá a ela uma identidade”. Assim, em um exemplo como *João é o professor*, o *identificado* é a entidade que recebe a identificação, portanto, *João*, enquanto *identificador*, é a identidade atribuída ao referente, logo, *é o professor*.

De acordo com Fuzer e Cabral (2010, p. 68), os processos relacionais “ajudam na criação e descrição de personagens e cenários em textos narrativos; contribuem na definição de coisas, estruturando conceitos”. Essa é uma definição importante para o contexto de nossas análises, uma vez que podemos perceber se há muita ocorrência, em se tratando de um gênero que evidenciará características de uma obra.

No que tange ao processo verbal, Halliday (1994) explica que os participantes do verbo dizer são: o *Dizente*, que emite a mensagem; o *Receptor*, para quem a mensagem é direcionada; o *Alvo*, a entidade que é atingida pelo processo, e a *Verbiagem*, a mensagem propriamente dita.

De acordo com Halliday (1994, p. 141), a verbiagem é a função que corresponde àquilo que é dito, podendo ser: o conteúdo do que é dito ou o nome do dito. O que é dito no sentido de um discurso direto não é verbiagem e sim projeção. Assim, como bem esclarece Gouveia (2009) “o que é comunicado pode ter forma directa ou indirecta, constituindo-se em oração separada, uma oração projectada, que não é parte constituinte do processo verbal, mas de um complexo oracional de projecção”. (p. 32).

A título de exemplificação podemos mostrar que na oração: (A) *ele falou: “vamos ao cinema”*, o que temos na segunda oração (*vamos ao cinema*) é uma projeção, ou seja, uma citação direta do que alguém falou. Já no exemplo (B) *ele falou sobre a nossa ida ao cinema*, temos na segunda oração (*ida ao cinema*) uma *circunstância* de assunto.

Em relação aos processos materiais, de acordo com Halliday (1994), são processos de 'fazer', expressam a noção de que alguma entidade 'faz' algo – que pode ser feito 'para' outra entidade. Assim podemos perguntar sobre tais processos, ou 'testar' esses processos fazendo questionamentos como: *O que o senador faz? O que o senador faz para o governo?*

Segundo Gouveia (2009. p. 31), os processos materiais são “prototipicamente, representações de acções concretas, físicas, isto é, dão conta de mudanças no mundo material que podem ser percebidas, comprovadas, vistas”, mas o autor também reconhece que algumas representações de processos materiais são representações de processos de fazer de teor abstracto como, por exemplo, na oração: “A mensalidade subiu 13% em relação ao último ano”. Nessa oração, o processo material ‘subir’ vem acompanhado de um elemento que serve para dar continuidade à ação: “13% em relação ao último ano”; esse elemento é chamado de extensão ou escopo. Nesse caso, entende-se que a ação de subir ocorre somente no nível abstrato.

Outros participantes também são considerados por Halliday e Matthiessen (2004), sendo eles *escopo*, *beneficiário* e *atributo*.

2.3 Metodologia

O *corpus* de estudo compreende 88 resenhas, sendo 47 de História e 41 de Literatura, coletados em revistas do *Scielo Brasil* e algumas que não constam no *Scielo*, mas todas Qualis A1 ou A2, disponíveis *online*.

Para levantamento e mapeamento dos dados, foi utilizado o programa *Wordsmith Tools* (Scott, 2008), que permite a manipulação rápida e eficiente de grande quantidade de dados. As listas de palavras (*WordLists*) permitem selecionar as palavras presentes no texto, as concordâncias de interesse para a pesquisa e as listas de concordâncias (*concordances*), que permitem avaliar o co-texto dos itens selecionados e os colocados (*collocates*), os elementos que coocorrem com os itens analisados e organizá-los para entender o contexto.

A lista de palavras oferece dados estatísticos dos quais os principais constam da tabela 1:

	HISTÓRIA	LITERATURA
Tamanho dos textos	1,335,684	1,534,052
types (Total de palavras diferentes)	14,459	14,099
Relação palavras/palavras diferentes	15.79	12.25
total de orações	2,542	3,020

Tabela 1: Informação estatística do *corpus*

A tabela 1 mostra que o *corpus* de Literatura é cerca de 10% maior que o de História, mas as palavras diferentes em História tem um percentual 25% maior que Literatura, apesar de o *corpus* de História conter menos textos e possuir mais palavras diferentes. A cada 100 palavras nas revistas de História, 15 são diferentes, e a cada 100 de Literatura, 12 são as diferentes.

Assim, a área de Literatura, proporcionalmente ao número de orações, tem maior número de palavras que História, que apresenta menos orações.

Da lista de palavras, retiramos os 14 processos verbais mais frequentes (Tabela 2) e nos concentraremos no primeiro deles, o verbo *tratar*:

VERBO	HISTÓRIA	LITERATURA
tratar	79	77
dizer	70	74
apresentar	68	63

revelar	36	30
demonstrar	35	0
discutir	32	0
chamar	29	0
falar	22	65
contar	14	54
ressaltar	12	0
sugerir	0	20
narrar	0	19
perguntar	0	15
anunciar	0	10

Tabela 2: Lista dos processos verbais mais frequentes no corpus

Os quatro primeiros verbos (*tratar*, *dizer*, *apresentar*, *revelar*) aparecem em números mais aproximados nas duas áreas, os verbos *demonstrar*, *discutir*, *chamar* e *ressaltar* possuem presença significativa na área de História, enquanto na área de Literatura estão ausentes, já os verbos *sugerir*, *narrar*, *perguntar* e *anunciar* estão presentes na área de Literatura, mas não nos textos de História. Verificou-se também que os verbos *contar* e *falar* aparecem bem mais em Literatura do que em História.

A escolha inicial desse verbo, como dito acima, ocorreu em função de ser ele o primeiro da lista. Essa razão foi reforçada pelo fato desse verbo atuar não só como processo verbal, mas também como material e relacional. A tabela 2 mostra que esse é o mais frequente nas duas áreas, e o é na forma presente (ver tabela 3), tanto nas resenhas de Literatura quanto nas de História, o tempo verbal mais utilizado foi o presente do indicativo “trata”, o que destaca a busca de atualidade em ambas as áreas, como no exemplo:

01- O livro dos mandarins, trata da vida no mundo corporativo, de todo o imaginário que cerca este mundo, então a própria escrita terá uma aparência fria, eu diria, um ritmo direto e circular, quase documental. (LTELBC11)

A distinção das formas do verbo *tratar* nos dois corpora está exposta na tabela 3:

Forma verbal	LITERATURA	HISTÓRIA
TRATA	54	34
TRATAM	2	4
TRATE	0	2
TRATEM	1	0
TOTAL PRESENTE	57	40
TRATOU	0	2
TRATARAM	0	1
	0	3
TRATAVA	1	2
TOTAL PASSADO	1	8
TRATARÁ	0	1
FUTURO	0	1
IMPERATIVO	1	2

TRATAR	10	12
INFINITIVO	10	12
TRATANDO	5	3
TRATADA	1	3
TRATADO	3	5
TRATADAS	0	1
TRATADOS	0	5
FORMAS NOMINAIS	9	17

Tabela 3: Formas do verbo *tratar*

Note-se pela tabela que as formas mais usadas nos dois contextos são as do presente (57, 40) e além delas o infinitivo e as formas nominais tiveram uma frequência um pouco maior que as demais sendo o infinitivo (10, 12) e as formas nominais em frequência de (9, 17) e das 14 formas verbais encontradas sete não foram utilizadas nas resenhas de Literatura e apenas uma não o foi nas de História. Logo, percebe-se que a diferença dos usos na área de História é mais representativa do que em Literatura, já que em todas as formas verbais que são recorrentes em ambas as áreas observa-se que as de História têm maior frequência.

Como veremos nas análises apesar de ser o mais frequente o verbo tratar pode ser usado como diferentes processos.

4. Análise e Discussões

Conforme já foi exposto, o verbo *tratar* está presente nas duas áreas analisadas e se apresenta como processo verbal, relacional e material. De qualquer modo, o significado expresso pelo tipo de processo advém do contexto, conforme verificaremos nos exemplos a seguir:

02- Quero deixar claro que a aparente desordem exposta no primeiro capítulo é decorrente da grandeza da matéria *tratada* pelo autor (...) (HSH0N4)

O exemplo 02 é um processo verbal, já que poderíamos fazer uma paráfrase com o verbo mudando para *apresentada/discutida*, que são verbos do dizer expressos em trabalhos escritos. Além disso, observamos a apresentação do assunto da obra resenhada e, portanto, destaca-se a *verbiagem*, em que o resenhista se refere àquilo que está resenhando, logo, poderíamos fazer a pergunta: Do que está tratando? E a resposta no exemplo 02 é *a matéria*. Observamos também que o exemplo 02 mostra uma linguagem elaborada pelo uso da nominalização, que é o que caracteriza a *verbiagem* no processo verbal.

Outros exemplos do verbo tratar como processo verbal são descritos a seguir:

03- *De Nova Lisboa a Brasília* propõe uma leitura histórica da construção de Brasília não apenas no estabelecimento de uma linhagem cronológica dos diversos projetos e planos de transferência, que pela primeira vez foram *tratados* em seu conjunto como uma unidade (...) (HSHON3).

04- há uma espécie de emergência, auge e decadência da “brasilidade revolucionária” na “estrutura de sentimento”, processo apreendido em materiais expressivos os mais diversos, produzidos por agentes e instituições escolhidos para cada capítulo/período *tratado*. (HSESOQ)

05- A problemática da imaginação é *tratada* em três momentos distintos: no primeiro, a ênfase de uma crítica pautada em um Stevens (...) (apud LTSENNA)

06- levam o leitor a participar da leitura e a criar imagens de que tudo o que existe ao seu redor pode ser assunto a ser *tratado* nos livros que a traça

comia e, conseqüentemente, por ser diversificado e em grande quantidade, ela não aguentaria. (LTIPO092)

No exemplo (03) temos um processo verbal, pois fazendo a paráfrase com os verbos *apresentados/discutidos/explicados* característicos do processo do dizer, teremos uma verbiagem advinda da estrutura “linhagem cronológica dos diversos projetos e planos de transferência”.

Verificamos que no exemplo (04) o verbo apresenta semanticamente o sentido do dizer, além disso tem-se pressuposta uma estrutura passiva assim como em grande parte dos exemplos da área de História, conforme indicado na tabela 3.

Os exemplos (05) e (06) também são exemplos de estrutura passiva, havendo a elipse do verbo ser acrescentado do particípio do outro verbo. Os exemplos podem ter suas estruturas trocadas pelos verbos *discutida* para o exemplo (05) e *dito/anunciado* para o exemplo (06).

Diante dos exemplos e analisando o gráfico 1, verificamos que quanto à presença dos processos verbais, eles são mais recorrentes na área de História, o que mostra que a preocupação com a linguagem elaborada é menos preocupante na área de Literatura, ainda que seja presente no *corpus*.

O processo material apareceu somente em dois exemplos da área de História, entendido pelo significado de “fazer, representar, produzir” como mostram os exemplos 07 e 08 a seguir:

07- Alan Costall e Ann Richards tratam da representação do passado por imagens. (HSHN5)

Através desse exemplo (07), observamos que ao fazer uma paráfrase substituindo o verbo *tratam* por *representam*, formando a frase “(...) representam o passado por meio de imagens” não alteramos o sentido da frase e temos a presença de um processo material. Além disso, podemos fazer a pergunta “o que representam por meio de imagens?” e obtemos como resposta “o passado”, logo temos Alan e Ann Richards como atores e “o passado” como beneficiário ou escopo, que recebe a ação de ser representado.

No exemplo (08) podemos trocar o verbo *tratada* por *feita*, *representada* e temos como participantes do processo material “a situação” como ator e “questão política” o escopo:

08-Nessa perspectiva, a questão do desenvolvimento parece ter surgido precocemente na agenda pública mineira devido a uma consciência cada vez mais nítida do retrocesso relativo da economia regional, associada a uma percepção de que a situação deveria ser *tratada* como uma questão política. (HTEB)

Uma outra ocorrência verificada no *corpus*, mais recorrente na área de Literatura, é a ocorrência do verbo *tratar* na forma do presente “trata” vinculado ao pronome *se* (*trata-se* e *se trata*). Nesse contexto pode-se avaliar que essas formas verbais indicam o funcionamento do verbo como processo relacional, podendo ser mudado para o verbo ser (*é*), conforme mostram os exemplos a seguir:

09 - *Trata-se* de um tema relevante (...) (LTSENNC)

10- *Trata-se* de dois movimentos em suas reflexões: um, específico, pois só afirma o que de fato e de direito encontra nos textos de Drummond(...) (LTCE1)

11- Inspirada na poética de Fernando Pessoa, Gauvin considera que *se trata* de “literaturas do desassossego” (*littératures de l'intranquillité*), em contraposição ao conceito de “literatura menor”, cunhado por Gilles Deleuze e Jacques Guattari em seu livro sobre Kafka(...) (LTSEMDA)

12- Não *se trata*, para Derrida, como assinala Crépon, de confrontar duas interpretações ou dois comentários opostos; mas, ao contrário, de reivindicar o direito de “deixar na indecisão” as palavras emersas do poema de acordo com a escuta do amigo. (LTITILANG)

Entendemos que essa preferência dos resenhistas pelo uso de um processo relacional revela a preocupação deles em organizar conceitos e atribuir características ao “objeto” resenhado, o que é de grande importância para o trabalho deles, pois como a resenha é um importante instrumento de escolha para selecionar produções para leitura, permitindo que os leitores possam inteirar-se das diversas publicações que circulam o meio acadêmico, é imprescindível que ele faça referências no sentido de caracterização da obra resenhada.

O processo relacional atributivo é, pelo que se verificou no *corpus*, como um *portador* a quem é atribuído uma característica, um *atributo*, já que há uma atribuição, definição para o que ele se dedica enquanto descritor/avaliador de uma obra. No exemplo 09 acima podemos fazer a paráfrase “é um tema relevante” e temos *tema* como *portador* e o atributo, no caso a qualificação dada: *relevante*.

Podemos observar no exemplo (10) a presença de um atributo “dois movimentos” e o portador não identificado nessa frase, mas sabemos que se trata do objeto de análise da resenha. No exemplo (11) também temos como portador “literaturas do desassossego” que atribui uma característica à obra resenhada que trata de “Literaturas de língua francesa”.

O exemplo (12) mostra uma explicação por meio de atribuição, parafraseando podemos dizer “não é, para Derrida, confrontar duas interpretações ou dois comentários opostos (...)” em que “confrontar” é o atributo e o portador é “Derrida”.

O gráfico 1 destaca os tipos de processos que caracterizam o verbo *tratar* e a porcentagem de suas ocorrências. Pelo que podemos verificar, uma área está o oposto da outra, pois verifica-se que a porcentagem dos processos verbais na área de Literatura é aproximada da porcentagem de processos relacionais na área de História e a área de Literatura é mais representativa de processos relacionais do que verbais, enquanto a área de História possui mais processos verbais.

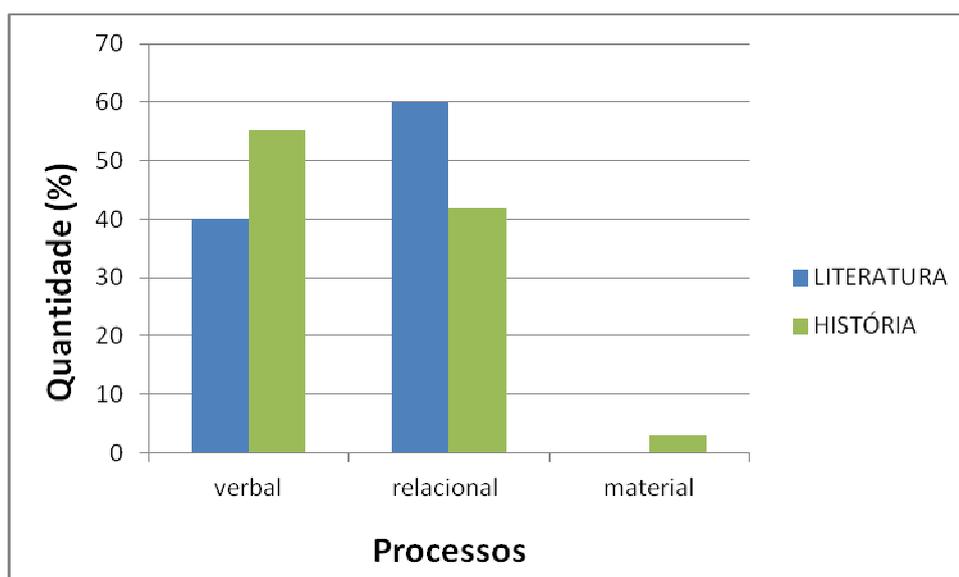


Gráfico 1: Representação percentual dos processos oriundos do verbo tratar nas áreas de Literatura e História

5. Considerações Finais

Conforme já descrito, nossa proposta inicial foi analisar os processos verbais em duas áreas distintas no intuito de avaliar semelhanças e diferenças que permitam caracterizar as escolhas feitas no gênero e que possam servir como um parâmetro mais consistente a ser seguido por estudiosos que pretendam contribuir com esse gênero acadêmico, bem como para estudantes em geral. No entanto, diante da complexidade que observamos no verbo *tratar*, optamos por investigá-lo e descrever seus usos.

Desse modo, a análise permitiu observar que, embora as duas áreas acadêmicas compartilhem de escolhas léxico-gramaticais similares, e em proporções também similares como vimos no quadro 02, elas fazem uso com propósitos diferentes e, em virtude do exposto, foi possível evidenciar as alterações de ocorrências do verbo *tratar* no *corpus* das diferentes áreas enfocadas, sendo que na área de Literatura o processo mais frequente foi o *relacional atributivo*, o que indica que nessa área os resenhistas se preocupam enfaticamente em atribuir características ao texto resenhado, e apesar de terem um texto com mais palavras e mais orações, revelam menor quantidade de palavras diferentes se comparada às resenhas de História.

As resenhas da área de Literatura indicam que o resenhista dedica menor preocupação em evidenciar o assunto e utiliza mais palavras para expor sua descrição/avaliação da obra resenhada, não se preocupando com o uso de nominalizações.

Por outro lado, a área de História apresenta um texto com menor número de palavras, porém há mais palavras diferentes e maior variedade de assuntos, o que pode ser evidenciado pela maior presença do verbo *tratar* enquanto processo verbal, através da *verbiagem* apresenta o assunto da obra resenhada, indicando a preocupação de destacar o assunto a ser tratado. Além disso, podemos entender que as resenhas da área de História apresentam maior preocupação com a escrita elaborada, fazendo o uso de nominalização que é o que caracteriza a presença da *verbiagem*.

De qualquer modo, observamos que as resenhas da área de Literatura apresentam maiores tentativas de discussões por parte do resenhista uma vez que ele intensifica sua preocupação em discutir sua análise da obra resenhada no momento em que faz atribuições que a caracterizam, utilizando o verbo nas formas *trata-se* e *se trata* indicando o processo relacional atributivo.

Sobre a presença do processo material na área de História e sua ausência na área de Literatura, podemos dizer que caracteriza a necessidade de indicar ações e acontecimentos que é uma característica da área de História e ainda que seja em pequena quantidade, e, referindo-se a um fazer no sentido abstrato é representativa da área essa ocorrência.

Como esse artigo trata-se de apenas um recorte de um trabalho maior, esclarecemos que ainda há muito a ser investigado sobre os outros verbos presentes no *corpus* e os processos deles decorrentes, de modo que possamos descrever melhor as escolhas feitas pelos resenhistas de revistas conceituadas, já que os diferentes padrões podem indicar papéis específicos no gênero e, portanto, cabe encontrar tais padrões nos termos de suas ocorrências e seus funcionamentos, articulando-os aos valores e propósitos dos grupos sociais que utilizam tais gêneros.

6. Referências bibliográficas

ARAÚJO, A. D. O gênero resenha acadêmica: organização retórica e sinalização lexical. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Orgs.). *Gêneros textuais e*

comunidades discursivas: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 77-93.

EGGINS, S. ; MARTIN, J. R.. *Genres and registers of discourse*. In: T. A. Van Dijk (Ed.), *Discourse as Structure and Process. Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*, Volume 1 (pp.230-256). London: Sage Publications.1997.

GOUVEIA, C. A. M. *Texto e gramática: Uma introdução à Linguística Sistémico-Funcional*. In: *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009. p. 13-47.

HALLIDAY, M. A. K. *Language Structure and Language Function*. In: Lyons, J. (Ed.), *New Horizons in Linguistics* (pp. 140-164). Harmondsworth: Penguin Books. 1970.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning*. London: Edward Arnold. 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold,1994.

MOTTA ROTH, D . *Rhetorical Features and Disciplinary Cultures: A Genre-based study of academic book reviews in Linguistics, Chemistry, and Economics*. 1995. 311f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

SCOTT, M.. *WordSmith 5. Lexically e O. U.P.* 2008.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. New York: Cambridge University Press, 1990.